

## COMPARATIVO NA GERAÇÃO DE EMPREGOS NA INDÚSTRIA TÊXTIL NAS MESORREGIÕES DE CAMPINAS-SP E VALE DO ITAJAÍ-SC

Mayara Pereira de Souza – UNESC  
mayarapereiradesouza@hotmail.com

Dimas Oliveira Estevem - UNESC  
doe@unesc.net

**Resumo:** A indústria têxtil se destaca como segundo setor que mais emprega no Brasil, tendo as mesorregiões de Campinas/SP e Vale do Itajaí/SC como os maiores polos têxteis da América Latina. Neste sentido, o presente artigo tem por objetivo comparar o perfil dos empregos gerados no setor de Fabricação de Produtos Têxteis (divisão 13, CNAE 2.0) nas mesorregiões de Campinas/SP e Vale do Itajaí/SC. A pesquisa se enquadra metodologicamente como descritiva, bibliográfica e documental com abordagem de análise qualitativa, realizada por meio da coleta de dados junto à Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e ao Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). Em linhas gerais, os resultados apontam que o setor emprega mais homens, com baixa escolaridade e baixa remuneração. Além disso, o setor está desligando mais funcionários do que contratando, principalmente na mesorregião de Campinas. Constatou-se, também, que a mesorregião do Vale do Itajaí possui mais estabelecimentos têxteis e empregados, predominando jovens até 24 anos, quando comparado a mesorregião de Campinas, empregando mais pessoas acima de 30 anos. Cabe destacar o aumento das microempresas ocasionadas pela terceirização de serviços.

**Palavras-chave:** Indústria têxtil; geração de emprego; terceirização.

## COMPARATIVE IN THE GENERATION OF EMPLOYMENT IN THE TEXTILE INDUSTRY IN THE MESORREGIÕES OF CAMPINAS-SP AND VALE DO ITAJAÍ-SC

**ABSTRACT:** The textile industry stands out as the second most used sector in Brazil, with the mesoregions of Campinas/SP and Vale do Itajaí/SC as the largest textile poles in Latin America. In this sense, this article aims to compare the profile of the jobs generated in the Textile Product Manufacturing sector (division 13, CNAE 2.0) in the mesoregions of Campinas/SP and Vale do Itajaí/SC. The research is methodologically classified as descriptive, bibliographical and documentary with a qualitative analysis approach, carried out through the collection of data from the Annual Social Information Relation (RAIS) and the General Register of Employed and Unemployed Persons (CAGED). In general terms, the results indicate that the sector employs more men, with low educational level and low remuneration. In addition, the sector is shutting down more employees than hiring, especially in the mesoregion of Campinas. It was also observed that the Vale do Itajaí mesoregion has more textile establishments and employees, predominating youngsters up to 24 years old, when compared to the mesoregion of Campinas, employing more people over 30 years. It should be noted the increase in microenterprises caused by outsourcing services

**Keywords:** Textile industry; job creation; outsourcing.

## 1 INTRODUÇÃO

O Nordeste foi o primeiro polo têxtil brasileiro, atualmente são as regiões Sul e Sudeste a concentrar a indústria têxtil no país. Cada região apresenta suas especificidades, se especializando em uma linha diferente do produto. No Sul encontram-se principalmente os produtores de cama, mesa e banho e malhas, já no Sudeste concentra-se a produção de fios e tecidos artificiais e sintéticos.

Considerando o cenário do mercado têxtil mundial, que registra crescimento constante em volumes produzidos, de acordo com IEMI (2018), no ano de 2017, foram consumidas 100,3 milhões de toneladas de fibras têxteis no mundo, correspondendo a um aumento de 67,7% se observado o período entre 2000 e 2017. O consumo mundial per capita de fibras também aumentou, de 2000 a 2017, o consumo passou de 10,2 kg/habitante para 13,2 kg/habitante em 2017 (IEMI, 2018), ou seja, acréscimo de 29%, demonstrando o crescimento potencial do setor no mercado mundial.

Contudo, o Brasil apesar de ser um dos principais produtores e um dos maiores consumidores mundiais de produtos têxteis, encontra-se oitavo lugar entre os maiores produtores. No comércio internacional, a participação brasileira é pouco significativa, ocupando a 26ª posição no ranque das exportações têxteis (IEMI, 2017). Nesse sentido, o país se enquadra no perfil de “produtor-consumidor”, ou seja, produz para si mesmo, com parcelas relativamente pequena destinadas à exportação.

A China é a líder mundial em exportações de produtos têxteis e confeccionados, o Brasil é um dos principais importador dos produtos chineses, segundo Fujita e Joerente (2015) dentre os fatores que influenciaram o aumento da importação chinesa pelo Brasil, encontra-se: o fim do Acordo de Têxteis e Vestuário da Organização Mundial do Comércio (OMC), ausentando-se da restrição quantitativa ao comércio; a crise

econômica vivenciada em 2008, que fez com que Inglaterra e Estados Unidos deixassem de consumir intensamente produtos importados; o trabalho intensivo e relativamente mais barato que aumenta a produtividade chinesa; entre outros.

Neste contexto, o setor têxtil brasileiro, juntamente com vestuário e calçados, vem reduzindo seu dinamismo. Conforme os dados publicados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2018) divulgados entre novembro de 2017 e outubro de 2018, ocorreram 37 mil demissões, impulsionadas, também, pelo aumento da importação, devido baixo custo dos produtos chineses. Diante desse cenário de incertezas, se justifica a relevância do presente estudo em compreender as características do setor. Portanto, retratar o cenário de alto desemprego no Brasil, somado as importações de produtos têxteis chineses, o presente estudo busca saber: quais os níveis de emprego e desemprego dos dois maiores polos têxteis do país? O presente artigo tem por objetivo comparar o perfil dos empregos gerados no setor de Fabricação de Produtos Têxteis (divisão 13, CNAE 2.0) nas mesorregiões de Campinas/SP e Vale do Itajaí/SC.

Deste modo a área que se refere ao tema do presente artigo é o mercado de trabalho no setor de fabricação de produtos têxteis de acordo com CNAE (Classificação Nacional de Atividades Econômicas) versão 2.0, a divisão de número 13 que engloba: A preparação e fiação de fibras têxteis, tecelagem, exceto malha, fabricação de tecidos de malha, acabamentos em fios, tecidos e artefatos têxteis, bem como fabricação de artefatos têxteis, exceto vestuário.

O artigo encontra-se dividido em quatro seções, além desta parte introdutória, à seção dois aborda aspectos da indústria têxtil brasileira. A seção três trata dos procedimentos metodológicos e a seção quatro apresenta aspectos gerais da análise de dados. Por fim, as considerações finais e as referências.

## **2 A INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA**

O setor têxtil brasileiro, quando comparado à sua indústria de transformação, manifesta relevante produção e capacidade de gerar empregos. Nesse sentido em relação às unidades produtivas, o setor têxtil brasileiro apresentou no período de 2010 a 2014, crescimento de 6,4%, porém houve queda de 6,1% no pessoal ocupado na cadeia têxtil (IEMI, 2015). Conseqüentemente, reduzindo o número médio de funcionários por unidade produtiva, refletindo em nível maior de automação e modernização do setor.

Os investimentos realizados na cadeia têxtil, visando à modernização ou ampliação da capacidade produtiva, em 2014, foram R\$ 4,3 bilhões, valor 14,7% menor do que o investido em 2013, porém quando considerado o período de 2010 a 2014, tem-se crescimento de 8,1% nos investimentos (IEMI, 2015). Percebe-se que o ano de 2014 foi marcado por queda de investimentos no setor, no entanto, o saldo é positivo, ao se analisar o período de quatro anos.

Em 2017, o setor produziu aproximadamente R\$ 164 bilhões, que corresponde a 7% do total da produção da indústria brasileira de transformação (IEMI, 2018), demonstrando a representatividade do setor perante a economia brasileira. Com relação a geração de empregos, em 2017, somaram 1,5 milhão de postos de trabalho, equivalente a 18,7% do total de trabalhadores que foram alocados na produção industrial no ano (IEMI, 2018). Deste modo, percebe-se a relevância econômica, e principalmente social do setor, devido à geração de empregos.

No mesmo período, houve redução de 7,1% no número de unidades produtivas no setor têxtil, e diminuição de 29,6 mil unidades produtivas para 27,5 mil (IEMI, 2015). No entanto, a produção de manufaturados têxteis em toneladas, aumentou 5,8% comparado

com 2016 (IEMI, 2017). Indicando que apesar do fechamento de unidades produtivas, as que sobreviveram, aumentaram sua produção.

## 2.1 INDÚSTRIA TÊXTIL DA MESORREGIÃO DE CAMPINAS E DO VALE DO ITAJAÍ

O desenvolvimento da indústria têxtil paulista ocorreu no período entre 1860 e 1880 durante a expansão do setor algodoeiro, estimulada pela disponibilidade de matéria prima, mercado consumidor e expansão do cultivo do café, na qual se utilizava para o envase dos grãos de café os sacos de algodão, nesse período outro fator relevante, foi à diversificação da carteira de investimento dos cafeicultores, que aplicavam seus lucros na indústria têxtil (SUZIGAN, 2000).

Neste contexto, a mesorregião de Campinas, é considerada atualmente como o maior polo têxtil do Brasil, concentrado principalmente no polo de Americana, composto pelos municípios de Americana, Nova Odessa, Santa Bárbara do Oeste e Sumaré (EMERY, 2007), os quais concentram os maiores mercados consumidores, e sediam os principais centros de distribuição de atacado e varejo (IEMI, 2015). No ano de 2013, o polo de Americana representou 14% da produção têxtil brasileira, com apenas 2% das empresas instaladas do setor no Brasil e apenas 3% do total de funcionários do setor brasileiro, demonstrando o nível tecnológico e produtivo das indústrias têxteis do polo (IEMI, 2014).

No entanto, o setor vem reduzindo seu dinamismo, entre 2009 e 2013, 50 empresas têxteis paulistas encerraram suas atividades, com isso, reduzindo a produção têxtil local em 2%, pode-se perceber que o cenário é desfavorável, agravando-se com a crise econômica nacional, no qual no período de 2015 a 2018 foram 2,6 mil vagas de emprego reduzidas.

O setor têxtil catarinense originou-se em 1880, simultaneamente ao surgimento do setor têxtil nacional, sendo a mesorregião do Vale do Itajaí responsável por 57,6% do setor têxtil de Santa Catarina, o qual é considerado o segundo polo têxtil brasileiro, situado principalmente nos municípios de Blumenau e Brusque. (GOULARTI FILHO, 2016).

No território catarinense concentra-se 15% das empresas do setor têxtil brasileiro, representando 4,9 mil indústrias têxteis no Estado, as quais geraram em 2014, 300 mil empregos diretos, equivalente a 19% do pessoal ocupado na cadeia têxtil brasileira, sendo responsável por 34% dos empregos formais em Santa Catarina. O setor catarinense destaca-se principalmente pela produção de tecidos de malha e produtos para o lar, os quais correspondem a 34% e 21% da produção nacional respectivamente. (IEMI, 2015).

Entretanto, o setor catarinense, assim como o nacional vem sofrendo nos últimos anos devido à recessão da economia nacional, invasão de produtos chineses e problemas de logística. De 2012 a 2016, o país reduziu em 10,9% o número de fábricas têxteis e de confecção reduzindo-se 10,8 mil vagas de emprego (SINTEX, 2017).

## 2.2 AS RELAÇÕES DE TRABALHO NO SETOR TÊXTIL

O setor têxtil, na Inglaterra, no século XIX, foi o primeiro a empregar mulheres e crianças, sendo característico por seus baixos salários e longas jornadas de trabalho, no entanto, com o aumento da oferta de trabalho em outros setores, os trabalhadores passaram a rejeitar jornadas de trabalho abusivas, em decorrência disto, no ano de 1870, havia escassez de oferta de trabalhadores para a indústria têxtil, pressionando a elevação dos salários do setor (LIMA, 2008).

O cenário do ramo têxtil em geral é oriundo de um processo de reestruturação produtiva, por meio de repasse a terceiros de parte de suas atividades, gerando os neologismos: terceirização e facção. A terceirização conforme Goldschmidt (2009) consiste em uma relação de emprego indireta, envolvendo um intermediário na relação de trabalho. Do mesmo modo, a facção consiste no repasse a uma empresa, de parte do processo fabril, geralmente atrelado ao ramo têxtil/vestuário, para realização de obra estritamente vinculada à atividade final (CARVALHO, 2011). Nesse processo tem-se o aumento da competitividade da empresa, por meio da redução dos custos e aumento da produtividade.

Além disso, o cenário do mercado de trabalho brasileiro encontra-se em declínio, ocasionado pelo aumento do desemprego, no qual o setor têxtil, juntamente com vestuário e calçados, também vem reduzindo o dinamismo, sendo que entre novembro de 2017 e outubro de 2018 ocorreram 37 mil demissões (IPEA, 2018). O saldo negativo das contratações é impulsionado também pelo aumento da importação, ocasionada pelos baixos custos dos produtos chineses, além de ser reflexo das instabilidades econômicas e políticas pelo qual o Brasil passou nos últimos anos.

Com isso, faz-se necessário analisar como se comportou o setor de fabricação de produtos têxteis nos dois maiores polos brasileiros, a fim de identificar em que nível foram afetados pelas instabilidades do país e pelas importações chinesas.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O presente estudo consiste em uma pesquisa descritiva, uma vez que, têm como principal finalidade descrever as características de determinada população e relacionar variáveis, como afirma Prodanov e Freitas (2013) busca identificar a frequência,

natureza, características e causas dos fatos, além de classificar, explicar e interpretar os dados.

Além disso, o estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, na qual foram utilizados livros, artigos, revistas, teses, dissertações, notícias, bem como base de dados para identificar o perfil de empregabilidade do setor.

A “pesquisa bibliográfica tem como objetivo colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.54). E a pesquisa documental, conforme Gil (2010), é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos.

Abordagem da pesquisa é qualitativa, uma vez que busca retratar e analisar os dados coletados, com objetivo de encontrar resultados e significados, compreendendo os processos e a relação entre as variáveis envolvidas (GIL, 2010).

O presente estudo envolveu a extração e compilação de dados acerca do setor de fabricação de produtos têxteis, em bases de dados secundárias, os quais de acordo com Prodanov e Freitas (2013) constituem-se de dados disponíveis para consulta.

### 3.1 PROCEDIMENTO PARA COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A mesorregião de Campinas, objeto de estudo do presente trabalho, situada no estado de São Paulo, é formada por 49 Municípios, totalizando 4.268.587 habitantes (IBGE, 2018). A mesorregião do Vale do Itajaí, situada em Santa Catarina, é formada por 54 Municípios, e possui 1.799.940 habitantes (IBGE, 2018).

Os dados do emprego no setor de fabricação de produtos têxteis (divisão 13, CNAE 2.0) nas mesorregiões de Campinas e Vale do Itajaí, foram extraídos na base de dados do site da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do último período disponível, ou seja, de 2007 a 2017, e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados



(CAGED), do período de janeiro de 2007 a dezembro de 2018. Os dados e gráficos foram organizados e confeccionados no Microsoft Excel®.

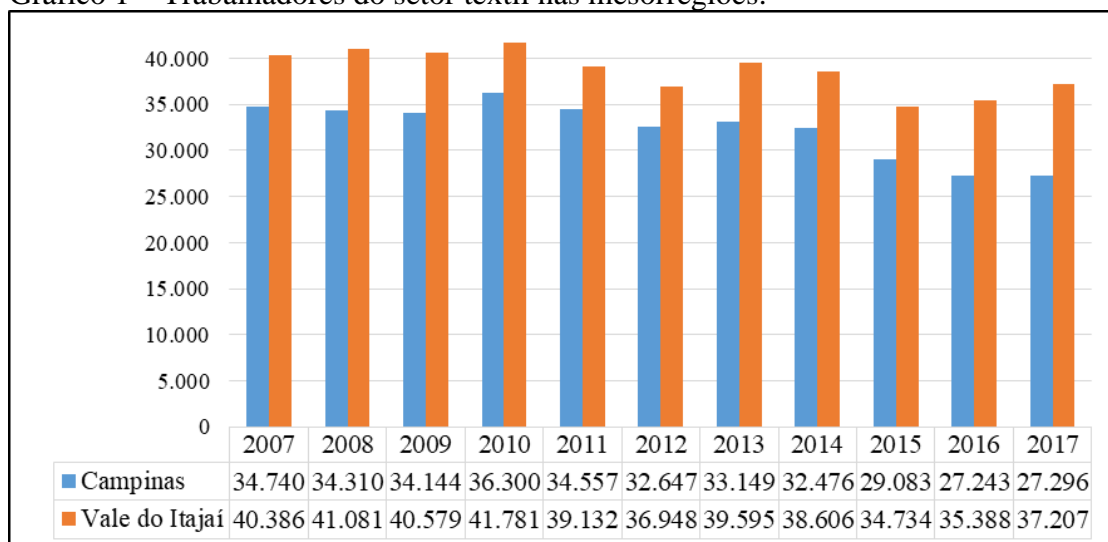
O comparativo do setor nas duas mesorregiões estudadas inicia com o perfil dos trabalhadores, avaliando a divisão por sexo, faixa etária, escolaridade e média salarial. Seguidamente mensura-se o tamanho dos estabelecimentos de 2017 pela quantidade de funcionários e pelo seu porte, seguindo, a quantidade de trabalhadores admitidos e demitidos no período de janeiro de 2007 até dezembro de 2018, bem como remuneração média desses trabalhadores, a fim de identificar como o setor está se comportando.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 COMPARATIVO CAMPINAS/VALE DO ITAJAÍ

Apesar de tratar do mesmo setor, as mesorregiões apresentam características distintas, as quais serão analisadas no presente item, iniciando com o perfil dos trabalhadores e analisando, posteriormente, o tamanho das empresas e a quantidade de admitidos e demitidos.

Gráfico 1 – Trabalhadores do setor têxtil nas mesorregiões.



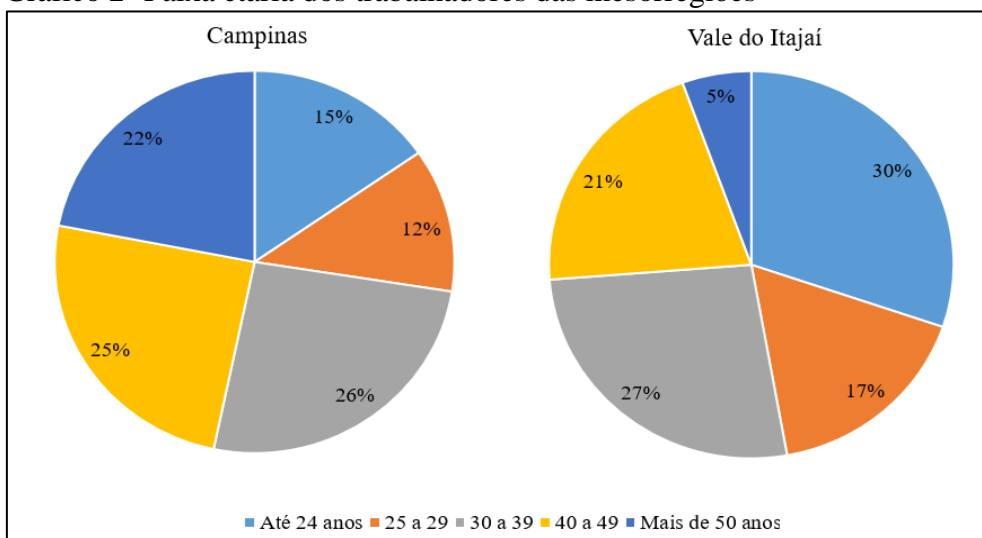
Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego, Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), 2017.

A mesorregião de Campinas/SP, em 2010, empregava 34.740 funcionários, contudo, em 2017, esse número caiu para 27.296 trabalhadores, houve uma redução de 21% no total de trabalhadores. Ao longo do período analisado, se constatou a redução do dinamismo na indústria têxtil comprovando o descrito na literatura, sobre a perda de vitalidade do setor. A mesorregião do Vale de Itajaí, em 2010, era responsável pela geração de 40.386 postos de trabalho, porém também reduz sua mão de obra para 37.307 funcionários em 2017, redução de 8% no período.

Observa-se que a mesorregião do Vale de Itajaí gera mais empregos no setor durante todo o período analisado, além de ter sido menos impactada nos fechamentos de postos de trabalho, no entanto, possuir mais funcionários não significa produzir mais, pois isso depende da produtividade. Por isso, a mesorregião de Campinas, embora possuindo menos trabalhadores, mesmo assim é considerada o maior polo têxtil do Brasil.

Com relação ao sexo dos trabalhadores, as mesorregiões apresentam resultados semelhantes, com predominância masculina, empregando aproximadamente 35% do sexo feminino, o percentual oscila entre 32% e 37% no período analisado nas duas mesorregiões.

Gráfico 2- Faixa etária dos trabalhadores das mesorregiões

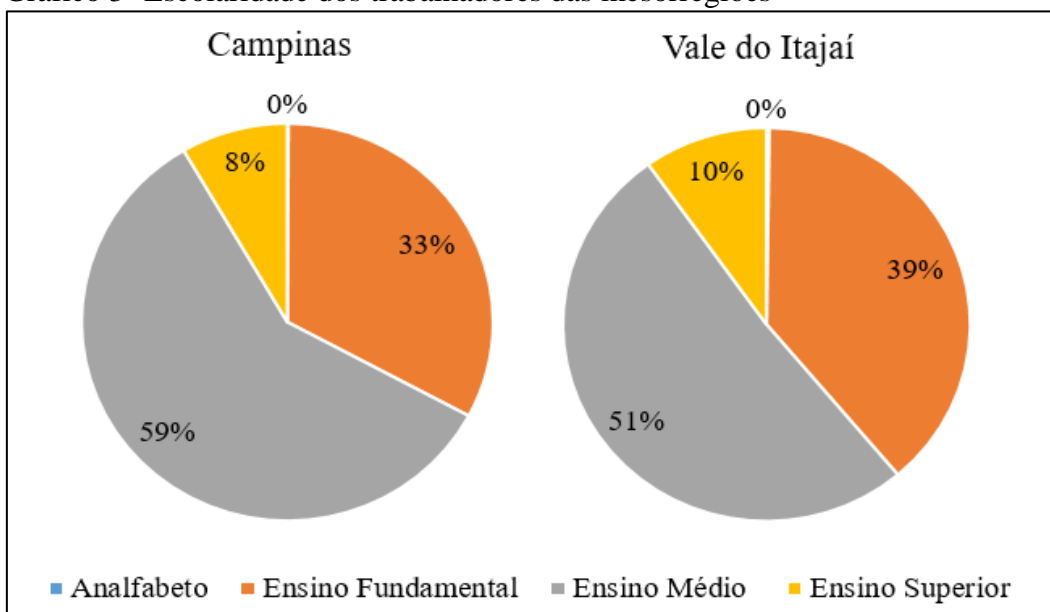


Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego, Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), 2017.

A faixa etária dos empregados do setor é semelhante em alguns aspectos nas mesorregiões analisadas, por exemplo, o percentual de trabalhadores entre 30 e 39 anos, entre 40 e 49 anos e entre 25 e 29 anos, as disparidades são pequenas. No entanto, considerando as faixas etárias do primeiro emprego, e acima de 50 anos tem-se resultados distintos nas mesorregiões.

Na faixa etária até 24 anos o Vale do Itajaí emprega 30% dos jovens enquanto Campinas emprega apenas 15%, e na faixa etária acima de 50 anos a mesorregião de Campinas emprega 22% dessa faixa etária, enquanto o Vale do Itajaí emprega apenas 5%. Fica evidente que as características do setor nas mesorregiões são opostas no quesito idade dos trabalhadores, ou seja, em Campinas o setor têxtil não possui tanta adesão dos jovens, empregando mais pessoas com maior experiência, enquanto no Vale do Itajaí prefere-se mão de obra jovem, demonstrando a importância do setor catarinense para o primeiro emprego.

Gráfico 3- Escolaridade dos trabalhadores das mesorregiões

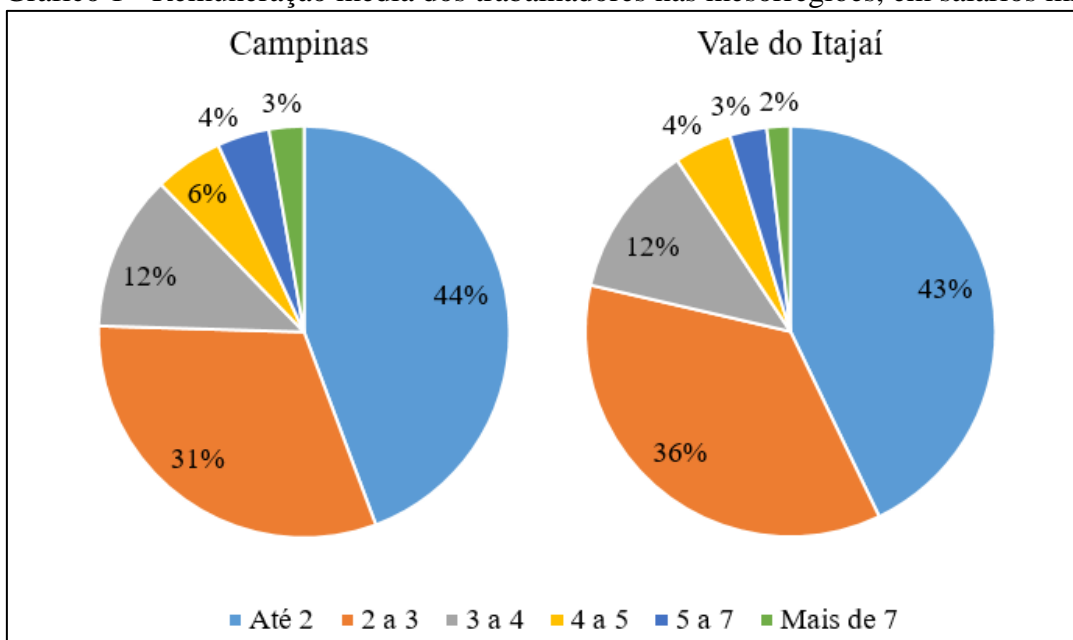


Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego, Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), 2017.

Com relação à escolaridade, ambas as mesorregiões apresentam características semelhantes sendo evidente o predomínio de trabalhadores com ensino médio. No Vale do Itajaí os trabalhadores com ensino médio correspondem a 51% do total do setor, seguido pelo ensino fundamental com 39% e o ensino superior 10%.

Na mesorregião de Campinas, o ensino médio corresponde a 59% do total do setor no ano de 2017, segue-se pelas pessoas que possuem ensino fundamental 33% e apenas 8% possuem ensino superior.

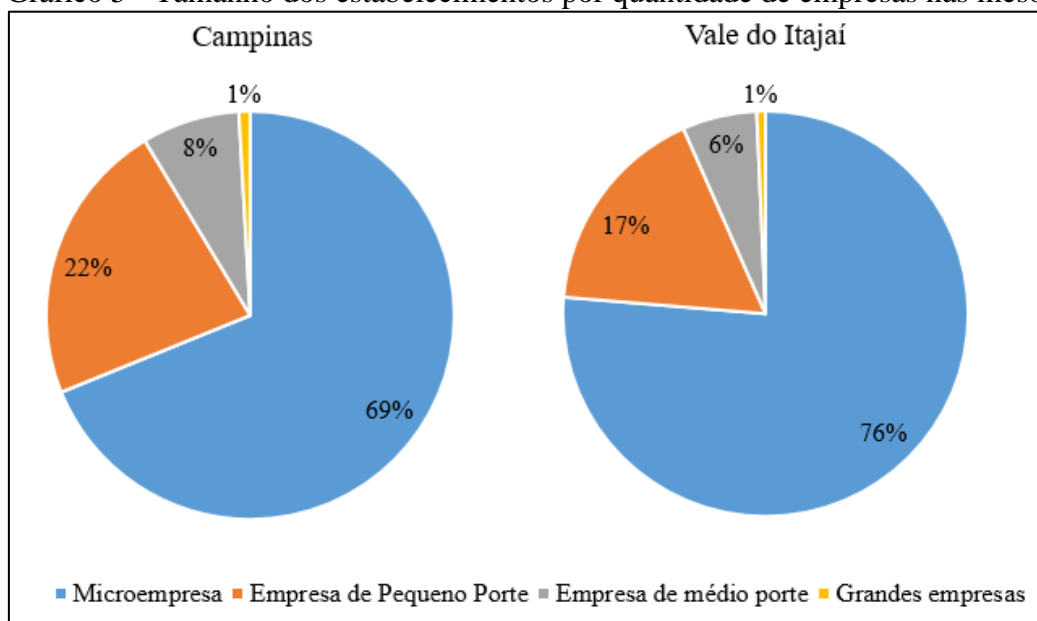
Gráfico 1 - Remuneração média dos trabalhadores nas mesorregiões, em salários mínimos



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego, Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), 2017.

Percebe-se que a remuneração média dos trabalhadores é praticamente a mesma nas mesorregiões, representando que o setor tem uma remuneração praticamente padronizada. A mesorregião de Campinas remunera um pouco mais alguns funcionários que recebem acima de 4 salários mínimos, enquanto no Vale do Itajaí tem-se mais trabalhadores recebendo até 2 a 3 salários mínimos, comparando as mesorregiões. Fica evidente a baixa remuneração atribuída aos empregados do setor, estando intimamente relacionada com a baixa escolaridade apresentada anteriormente.

Gráfico 5 - Tamanho dos estabelecimentos por quantidade de empresas nas mesorregiões



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego, Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), 2017.

Percebe-se que tanto em Campinas quanto no Vale do Itajaí predominam microempresas, as quais são oriundas da terceirização. Porém, no Vale do Itajaí a terceirização é ainda maior, 76% das empresas têxteis, são microempresas, isto é, são 873 estabelecimentos empregando 5.384 funcionários em 2017, responsáveis por 15% da empregabilidade do setor. Já em Campinas, tem-se 69% de microempresas, ou seja, 462 empresas que empregaram 3.074 funcionários, representando 11% dos empregos do setor.

Além de possuir mais funcionários na indústria têxtil catarinense em comparação com a paulista, tem-se também mais estabelecimentos têxteis, na mesorregião do Vale do Itajaí são 1.144 estabelecimentos, enquanto em Campinas são 671 estabelecimentos têxteis.

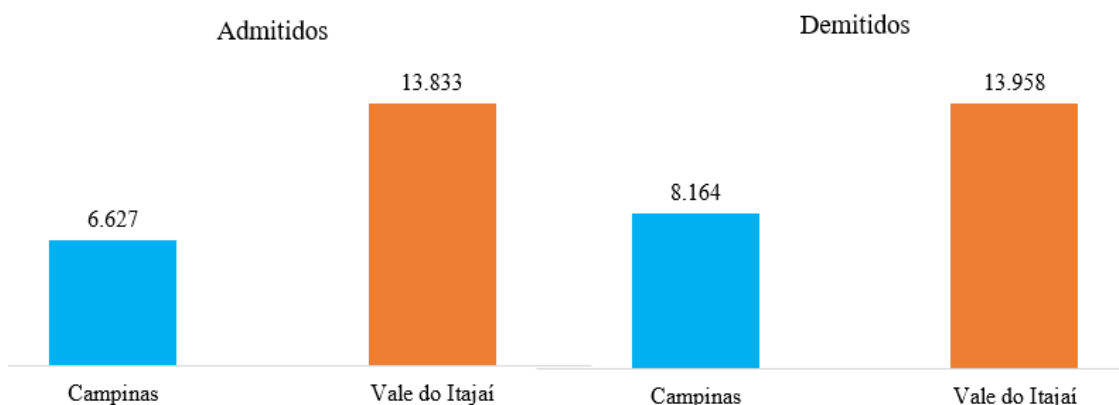
Assim, com relação às empresas de pequeno porte, Campinas possui 151 estabelecimentos, que empregam 6.288 funcionários, correspondente a 23% do total de empregos do setor na mesorregião. O vale do Itajaí possui 195 empresas de pequeno porte as quais empregam 8.261 trabalhadores, que representa 23% dos empregos do setor.

As empresas de médio porte representam 8% do total de Campinas, correspondendo a 52 empresas que empregam 10.874 funcionários, responsáveis por 40% da empregabilidade do setor. No Vale do Itajaí tem-se 68 empresas de médio porte, que empregam juntas 14.229 funcionários, correspondendo a 38% da empregabilidade do setor.

As grandes empresas correspondem a 1% em ambas mesorregiões, porém tem-se mais estabelecimentos no Vale do Itajaí, 8 empresas que empregam 9.333 funcionários, representando 25% dos empregos, enquanto em Campinas tem-se apenas 6 grandes empresas que empregam 7.060 funcionários, responsáveis por 26% dos empregos do setor.

Outro dado importante é com relação à utilização do Simples Nacional como forma de tributação. Na mesorregião de Campinas 46% das empresas são optantes do Simples, enquanto no Vale do Itajaí, são 70% optantes. Isso demonstra que as empresas de Campinas possuem faturamento superior ao Vale do Itajaí, devido maior produtividade e tecnologia adotada, o que possibilita ter menos funcionários, menos estabelecimentos.

Gráfico 6 - Admitidos e demitidos nas mesorregiões em 2018



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego, Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), 2018.

No ano de 2018, ambas as mesorregiões tiveram mais desligamentos do que admissões, no entanto, em proporção diferente. Em Campinas, o saldo negativo, em 2018,

chegou a 1.537 pessoas, enquanto no Vale do Itajaí o saldo negativo foi apenas de 125 pessoas.

Considerando o período analisado, de 2007 a 2018, o saldo total de trabalhadores, na mesorregião de Campinas, foi de 8.871 pessoas negativas, ou seja, quase 9 mil funcionários foram desligadas, contudo, apenas em 2007, 2009 e 2017 o saldo foi positivo. No Vale do Itajaí tem-se o saldo total de 1.036 pessoas negativas, isto é, também ocorreu mais desligamentos do que contratações no período, porém em impacto bem menor do que na região paulista.

Com relação à média salarial dos admitidos e desligados, tem-se no ano de 2018 em Campinas o salário médio dos admitidos no valor de R\$ 1.602,66, enquanto os desligados recebiam em média R\$ 1.852,13, demonstrando o corte de custos ao demitir pessoas com maior salário e contratar com salários inferiores.

Essa realidade se repete no Vale do Itajaí, no qual a média salarial dos admitidos em 2018 era de R\$ 1.480,13 e dos desligados era R\$ 1.784,20. Percebe-se ainda que a mesorregião paulista, remunera um pouco melhor seus funcionários admitidos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A indústria têxtil brasileira ganhou espaço ao longo dos anos, porém destacam-se atualmente dois estados: São Paulo e Santa Catarina, os quais são considerados os maiores produtores têxteis da América Latina, sendo as mesorregiões de Campinas e Vale do Itajaí o enfoque do presente estudo.

A indústria têxtil no Vale do Itajaí emprega 36% de trabalhadores a mais e possui 70% de estabelecimentos a mais do que a mesorregião de Campinas. No entanto, a região paulista é o maior polo têxtil brasileiro. Isso ocorre devido ao aumento da

produtividade, ocasionada pela difusão da tecnologia no setor, possibilitando ter menos empresas e menos funcionários e em contraponto produzir e faturar mais.

Com relação ao perfil dos trabalhadores, tem-se predomínio da mão de obra masculina nas duas mesorregiões, podendo inferir que o setor brasileiro como um todo, possui como característica empregar mais trabalhadores do sexo masculino, diferentemente do início da produção têxtil na Inglaterra, que priorizava a mão de obra feminina e infantil.

A faixa etária dos trabalhadores é diferente nas mesorregiões, demonstrando focos distintos na empregabilidade do setor. No Vale do Itajaí predomina a mão de obra jovem, até 24 anos, enfatizando a importância do setor catarinense para o primeiro emprego. Porém em Campinas o predomínio encontra-se nas faixas etárias acima de 30 anos, ou seja, pessoas de meia idade, que já possuem mais experiência, por esse motivo emprega também intensamente pessoas acima de 50 anos.

Já que a escolaridade em ambas as mesorregiões é baixa, ou seja, o setor não exige mão de obra especializada, acaba possibilitando para o setor paulista a absorção de mão de obra ociosa, sem especialização, representada pela população de mais idade.

Portanto a remuneração média acompanha essa falta de escolaridade do setor, tem-se predominância de pagamento para os trabalhadores de até 2 salários mínimos nas mesorregiões. Enfatizando o quanto o setor remunera pouco.

Observando os resultados do tamanho das indústrias têxteis nas mesorregiões analisadas no presente estudo, percebeu-se predomínio de microempresas, as quais são originadas pelo processo de terceirização, ou seja, são facções contratadas pelas empresas de grande porte, que ficam responsáveis pela produção de uma parte do produto.

Deste modo, pode-se inferir a remuneração inferior no Vale do Itajaí, quando comparado a mesorregião paulista, se explica devido a predominância das microempresas,



cujos valores pagos pelo trabalho são menores. No entanto, são as empresas de médio porte as maiores responsáveis pela geração de trabalho do setor em ambas as mesorregiões.

Considerando as micro e pequenas empresas, na mesorregião de Campinas apenas 46% são optantes pelo Simples Nacional como forma de tributação, enquanto 70% são optantes do Simples no Vale do Itajaí. Reforçando que as empresas de Campinas possuem faturamento superior ao catarinense, ocasionado pela maior produtividade, oriunda da tecnologia, possibilitando ter menos funcionários, menos estabelecimentos.

Com relação as admissões e desligamentos identificou-se que o setor vem diminuindo seu dinamismo como foi verificado na literatura. Porém, o agravamento encontra-se na mesorregião de Campinas, a qual desligou 8.871 pessoas a mais do que contratou, no período de 2007 a 2018. Esses desligamentos ocorrem como forma de corte de gastos, já que os funcionários contratados recebem salários inferiores aos demitidos devido à terceirização.

Como verificado, o aumento das importações de produtos chineses, que possuem baixo valor, tem prejudicado a indústria têxtil nacional, que perdeu lugar no mercado interno. Além disso, fatores como a crise brasileira e problemas logísticos afetaram ainda mais o setor, entrando em declínio.

No entanto, o setor têxtil brasileiro ainda tem a chance de impulsionar sua produção, já que existe um potencial de criação e de inovação a ser explorado, necessitando de investimento em tecnologia e principalmente aumentos nas perspectivas de vendas para além da fronteira nacional, já que atualmente o Brasil é considerado apenas produtor-consumidor.

Desta forma, a fim de contribuir com estudos futuros, sugere-se que seja pesquisado a produção têxtil das mesorregiões, volume e valores produzidos, bem como o

aumento das importações chinesas e redução das exportações ao longo do tempo, a fim de contrapor os dados de produção com o emprego, analisado no presente estudo.

---

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – (CAPES) Brasil– Código de Financiamento 001.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Augusto César Leite de. **Direito do Trabalho**: curso e discurso. Aracajú: Evocati, 2011.

EMERY, Márcio de Moraes. **O impacto da abertura ao comércio exterior da década de 1990 no setor têxtil brasileiro**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p.191. 2007.

FUJITA, Renata Mayumi Lopes; JOERENTE, Maria José. A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural. In: **Revista ModaPalavra e-Periódico**. 2015

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **População Estimada**. 2018.

IEMI (Instituto de estudos e marketing industrial). Notícias sobre setor têxtil. Disponível em: < <http://www.iemi.com.br/> Acesso em: 22 jan. 2019.

IPEA. **Carta de conjuntura**. Mercado de trabalho. 4º trimestre. 2018.

LIMA, Juliana Daldegan. **O surto de industrialização do setor têxtil a partir de 1880**: Um estudo comparativo entre Blumenau e o resto do Brasil. Florianópolis, 2008. Monografia (Bacharel em Ciências Econômicas) Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2008.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Relação anual de Informações sociais e Cadastro geral de empregados e desempregados**. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/> Acesso em: 5 jan. 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. Novo Hamburgo, 2013.

SUZIGAN, W. **Indústria Brasileira**: Origem e Desenvolvimento. Nova ed. São Paulo: Editora da UNICAMP / Hucitec. 2000.